

DESAFIOS DA MATERNIDADE NO ÂMBITO ACADÊMICO, PARAÍBA, BRASIL

Barbara Gislayne Rodrigues da Silva Ferreira (1); Karina Campelo de Meneses (2); Ana Janaína Jeanine Martins Lemos(3); Bruno Mendes Tenório (4); Carina Scanoni Maia(5)

^{1,2,5}*Universidade Federal de Pernambuco*; *Universidade Federal de Campina Grande*³, *Universidade Federal da Paraíba*⁴
babigislayne@gmail.com; karinamcmenezes@hotmail.com; janainajeanine@yahoo.com.br; ;
brunoufrpe@hotmail.com; carina.scanoni@gmail.com;

Das ocupações femininas que causam desgaste e requer dedicação não apenas no local de trabalho, mas também em casa, destaca-se a área da docência no ensino superior. Tal fato requer muito mais que sala de aula e correções de provas, é preciso pesquisar e se atualizar constantemente. Nessa situação, a escolha da maternidade se configura como um momento difícil e cercado de dúvidas. Em virtude da escassez literária sobre a maternidade no contexto da docência-pesquisa, o presente trabalho teve como objetivo geral conhecer o perfil de docentes do ensino superior, dentro do atual contexto histórico-social-cultural frente ao desejo ou não, de gerar e cuidar de filhos em uma grande universidade no estado da Paraíba. Para compor esse trabalho, foi realizada uma revisão da literatura no período de agosto a dezembro de 2017, cujos critérios de inclusão foram artigos publicados preferencialmente, nos últimos 15 anos em revistas nacionais e internacionais, nos idiomas português e inglês. Os resultados obtidos mostraram que a maternidade na docência, não prejudica a atuação, nem o desempenho das docentes, no entanto, o tempo dedicado aos filhos foi reduzido e necessário ajuda durante a criação dos mesmos. Docentes que tem filhos ocuparam mais cargos administrativos, mas ambos os grupos de docentes (com e sem filhos) publicam no mínimo, um artigo por ano.

Palavras-chave: Maternidade; Ensino; Pesquisa; Extensão.

Introdução

O papel da mulher e da mãe, por muito tempo na sociedade, esteve ligado a categorias secundárias de pertencimentos e lugares. Esta posição pode ser percebida por meio dos discursos políticos e/ou religiosos que a colocavam em um lugar de submissão em que sempre devia obediência ao marido e tinha um lugar subalterno no quadro familiar.¹ No entanto, com as crescentes opções de controle da fertilidade, uma maior importância para o desenvolvimento de sua escolaridade e expansão no mercado de trabalho, as mulheres contemporâneas estão escolhendo o momento mais oportuno de engravidar, resultando no máximo adiamento desta última.²

Segundo dados do IBGE, no ano de 2010, 54,6% das mulheres estavam trabalhando ou à procura de trabalho, fato que tem sido atribuído principalmente à crescente qualificação profissional e ao interesse em conseguir independência econômica.³ Porém, segundo Oliveira et. al. (2013) a idade materna é um fator externo à gestação, portanto, implica no desenvolvimento do feto. O ambiente intrauterino da idade reprodutiva oferece fatores de riscos significativos ao bebê, como vários tipos de anomalias cromossômicas.

Conforme Darzé (2013) o ideal seria uma gestação até os 35 anos, já que com o passar dos anos a fertilidade diminui e os riscos para a mãe e bebê aumentam. Somado a tais fatores, o desenvolvimento do feto, gerado em idades tardias, também pode sofrer prejuízos em consequência de doenças prévias, como a hipertensão e a diabetes; além das doenças específicas da gestação, como diabetes e hipertensão gestacional, e o próprio abortamento. Segundo Sousa et al (2011)⁴, mesmo apresentando melhores condições sociais e em raros casos, conseguir conciliar trabalho e maternidade, houve uma redução no tempo pessoal e na prática do lazer em função da construção da carreira profissional e cuidado com os filhos.

Das ocupações femininas que causam desgaste e requer dedicação não apenas no local de trabalho, mas também em casa, destaca-se a área da docência no ensino superior. Tal fato requer muito mais que sala de aula e correções de provas, é preciso pesquisar e se atualizar constantemente. Sendo assim, ser professora pesquisadora requer tempo de investimento temporal (graduação e pós-graduações) antes e depois de adentrar nas universidades (atividades de produção acadêmica) sem poder deixar para trás, as questões familiares.

Segundo dados da base do Currículo Lattes de 2013, o percentual de mulheres com doutorado era de 46,8%. Outros dados publicados pela CNPq apontam que houve um aumento de 37% de mulheres bolsistas no doutorado nos últimos cinco anos, chegando a igualar-se à participação masculina.⁵ No entanto, a sociedade contemporânea, além de definir a maternidade como um evento importante na vida de toda a mulher, faz com que os diversos papéis por ela assumidos – mãe, mulher e profissional – resulte em um verdadeiro acúmulo de tarefas que exige uma elasticidade nunca antes sequer imaginada.^{6,7}

Ademais, a especificidade do ensino teórico-prático que a docência universitária exige, requer esforço multidimensional por parte da professora, fazendo com que esta seja uma aglutinadora de conhecimentos, o que requer a busca constante por atualização na sua área de atuação, e se estes fatores forem somados à maternidade, podem-se desencadear diversos problemas de saúde à mãe/docente, tais como cansaço mental, exaustão emocional, problemas físicos de saúde, entre outros.^{6,7}

Não obstante as tarefas de ensino que a docente universitária assume, ela ainda tem que lidar com exigências de produção científica, participação e apresentação de trabalhos em eventos, projetos de extensão, orientações de trabalho de conclusão de curso, além das exigências dos programas de pós-graduação para o incremento da produtividade docente, expressa por publicação de artigos em revistas qualificadas por Coordenadorias de Aperfeiçoamento de Ensino Superior,

entre outras atividades. Nessa situação, a escolha da maternidade se configura como um momento difícil e cercado de dúvidas e questionamentos, fazendo com que a maternidade se constitua cada vez mais em uma prática social que precisa ser repensada.⁸

Em virtude da escassez literária sobre a maternidade no contexto da docência-pesquisa, o presente trabalho tem como objetivo geral conhecer o perfil de docentes do Ensino superior, dentro do atual contexto histórico-social-cultural frente ao desejo ou não, de gerar e cuidar de filhos.

Metodologia

Para compor esse trabalho, foi realizada uma revisão da literatura no período de agosto a dezembro de 2017, cujos critérios de inclusão foram artigos publicados preferencialmente nos últimos 15 anos, e, utilizando-se de revistas nacionais e internacionais.

Foi realizado um estudo transversal, descritivo, de cunho quantitativo, através da aplicação de questionários estruturados, construídos por perguntas claras e objetivas organizadas em planilhas no Microsoft Excel em percentuais.

A coleta de dados foi iniciada após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, observando as normas estabelecidas pela resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, que descreve a pesquisa envolvendo Seres Humanos.

As participantes foram informadas previamente sobre os objetivos estabelecidos pelo estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As participantes da pesquisa foram asseguradas sobre o anonimato e sigilo das informações fornecidas.

Após uma breve apresentação (individual) do projeto para as docentes, foram entregues questionários sem necessidade de identificação, porém, estruturados, previamente testados e aperfeiçoados, que irão explorar diversas variáveis dentro de dois segmentos: Atividades acadêmicas e Questões atreladas à maternidade, para as que já são mães e para as que ainda planejam.

Resultados e Discussão

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) com o total de 37 docentes entrevistadas. No primeiro momento do questionário, as perguntas eram referentes ao perfil, trabalho e maternidade. Entre as que concordaram em responder as perguntas, 86,4% declararam ter filhos, e 13,6% que declararam não ter.

As docentes que já tiveram filhos, têm idades entre 32 e 64 anos, das quais 59% possui regime de trabalho do tipo Dedicção Exclusiva, com 40 horas semanais (T40-DE) na instituição (Fig. 1), 31% possuem o mesmo regime de 40 horas, porém sem Dedicção Exclusiva (T40) e 10% tem regime de T-20. De acordo com elas, 15,6% relataram trabalhar entre 8 a 10 horas de aula por semana, 6,2% ministram mais de 16 horas e 78,2% ministram de 12 a 14 horas de aula. Já as docentes que não têm filhos possuem idade entre 35 e 61 anos, das quais todas são T-40-DE. De acordo com o resultado do questionário todas ministram de 12 a 14 horas de aula por semana.

Em relação ao total de professoras com filhos (86,4%), 37,5% estão envolvidas na orientação e desenvolvimento de projetos de pesquisa, extensão e TCC, além disso, também ensinam em programas de pós-graduação; 62,5% estão envolvidas apenas em projetos de pesquisa e TCC, e em programas de pós-graduação (Fig. 1).

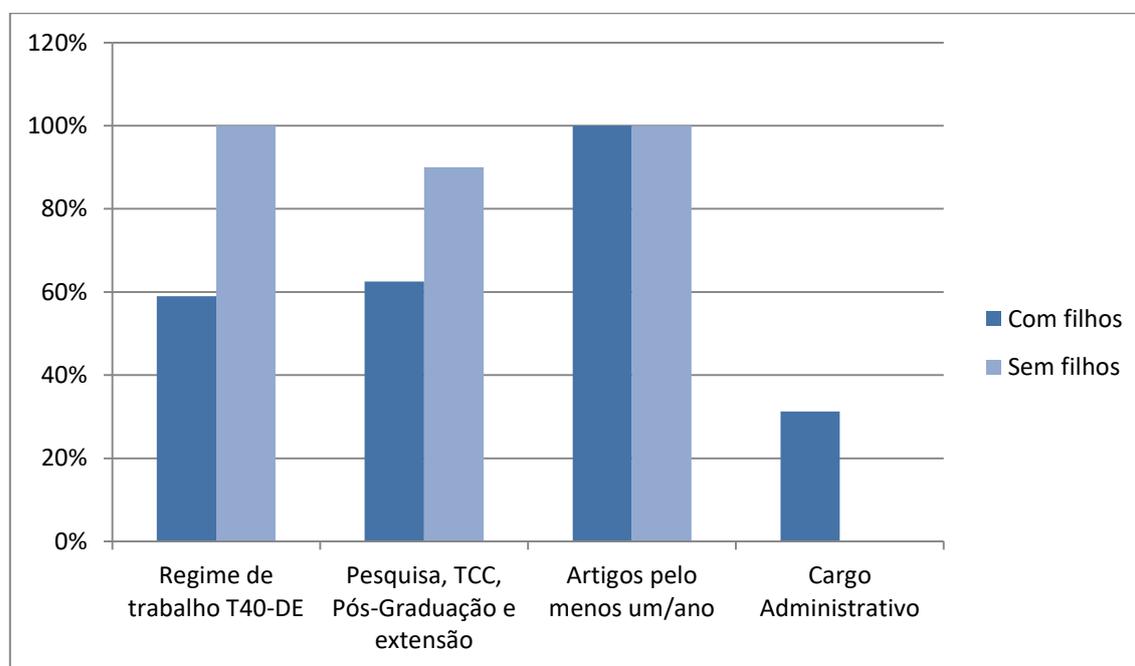


Fig.1. O gráfico representa um comparativo entre docentes que tem filho e que não tem em relação a Regime de Trabalho; Programas de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão; Publicação de Artigos e Cargo Administrativo.

De acordo com as docentes, 83,8% afirmam receber auxílio financeiro para desenvolver seus projetos e 16,2% afirma não receber nenhum auxílio. Entre as docentes que já tiveram filhos, 18,7% publicam em média três ou mais artigos no período de um ano, 65,6% publicam em média dois artigos e 15,7% afirma publicar apenas um artigo no mesmo período (Fig. 1). Já entre as docentes que não tiveram filhos, todas publicam dois artigos no período de um ano.

Em relação ao número de docentes que tem filhos, 31,25% afirma exercer algum cargo administrativo e 68,75% afirma não exercer nenhum. Já as docentes que não tem filhos, todas não exercem nenhum cargo administrativo (Fig. 1).

De acordo com as professoras entrevistadas, 34% das que tem filhos afirmam sempre levar trabalho para casa, 63% afirmar que apenas às vezes e 3% diz que não leva trabalho para casa; questionadas sobre trabalho no fim de semana 6% afirmaram que trabalham no fim de semana, 78% afirmaram que às vezes e 16% afirmar não trabalhar (Fig. 2). Já as docentes que não tem filhos 20% afirmam sempre levar trabalho para casa e 80% afirmam levar às vezes; e quando questionadas sobre o trabalho nos fins de semana, 80% afirmaram que às vezes e 20% afirmaram que não trabalham no fim de semana (Fig. 2).

De acordo com as docentes que tiveram filhos, 71,8% declararam ter algum filho ainda morando com elas; 15% afirmam ter tido três ou mais filhos, 50% afirmam ter tido dois filhos e 35% afirmam ter tido apenas um filho. O filho mais novo tem três anos e o mais velho tem quarenta anos de idade. 53% afirmam conseguir passar de 2 a 3 horas com os filhos e 47% afirmar passar de 4 a 6 horas. Quando questionadas sobre a ajuda que tiveram durante a criação dos filhos, 87,5% afirmaram ter tido ajuda e 12,5% afirmaram não ter tido ajuda. 12,5% afirmaram que foi tranquilo exercer a maternidade e dar conta das atividades acadêmicas, 12,5% afirmaram sentir razoável dificuldade e 75% afirmaram sentir muita dificuldade. Quando questionadas sobre como classificariam sua presença como mãe na vida dos filhos, 72% admitiram ser razoavelmente presentes, 12,5% afirmaram ser bastante presentes e 15,5% afirmaram ser pouco presentes.

De acordo com as docentes que não tiveram filhos, 40% afirmaram não ter nenhuma vontade de ter filhos, 40% afirmaram ter vontade de ter um ou mais filhos 20% ainda não se decidiram. Quando questionadas sobre os motivos de não ter tido filhos, 20% afirmaram ser por causa do trabalho, 20% afirmaram que não tiveram vontade e 60% afirmaram ter problemas de saúde.

No segundo momento do questionário, o tipo de abordagem foram questões ligadas à saúde. Entre as docentes que já tiveram filhos, 25% afirmam não praticar atividade física e 75% afirmam praticar atividades físicas; 44% afirma que consegue se alimentar de forma saudável e nas horas apropriadas, 50% afirmam que às vezes conseguem e 6% afirma não conseguir se alimentar de forma saudável e nas horas apropriadas. Entre as docentes que não tiveram filhos, 3% afirma não praticar atividades físicas e 97% afirmam praticar alguma atividade física; 40% afirmam conseguir

se alimentar de forma saudável e nas horas apropriadas e 60% afirmam que às vezes se alimentam de forma saudável e na hora certa (Fig. 2).

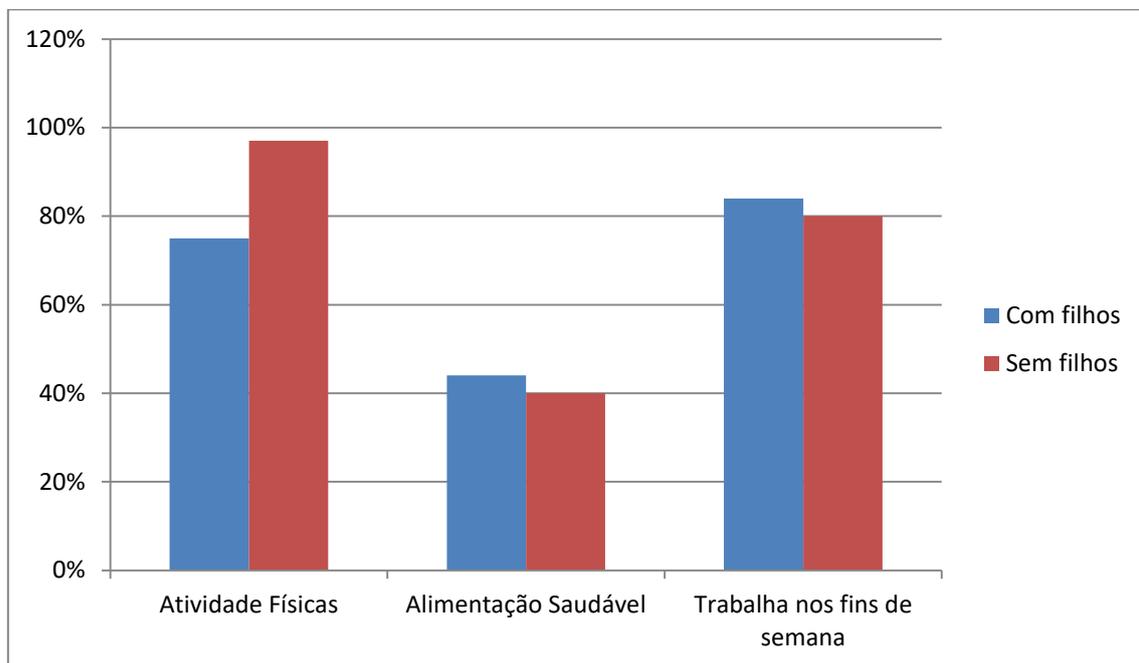


Fig2. O gráfico representa um comparativo entre docentes com filhos e sem filhos, relacionado À Prática de Atividades Físicas; Hábitos de Alimentação Saudável e Regime de Trabalho nos Fins de Semana.

Em relação ao número de docentes que já tiveram filhos, 75% afirmaram fazer exames anualmente, 12,5% afirmaram que fazem apenas quando o médico solicita e 12,5% afirmaram que não fazem. Quando questionadas sobre o exame preventivo, 81% afirmaram que fazem anualmente, 13% afirma não fazer e 6% apenas quando o médico solicita. De acordo com elas, 41% classificam como pouca a disponibilidade de cuidar de si mesma, 56% classifica com razoável e 3% classifica como muito boa.

Em relação ao número de docentes que não tiveram filhos, todas afirmaram fazer exames anualmente. Quando questionadas sobre se faziam o preventivo anualmente, todas afirmaram que sim.

É de domínio público, o conhecimento sobre a expansão da mulher no mercado de trabalho em especial na docência em universidades, quando além de ministrar aulas e corrigir provas, precisa também pesquisar e atuar em demais atividades como extensão, gestão administrativa e dentre outros. Atrelado a todas essas responsabilidades, existe o conflito ou desafio da maternidade caso a mesma opte por esta.

O crescimento frequente da presença feminina na esfera do trabalho traz também à tona uma situação cada vez mais constante na atualidade que é a mudança de gênero na manutenção da família. No Brasil, segundo dados do censo do IBGE (2000), as famílias chefiadas por mulheres representam 24,9% dos domicílios brasileiros. O Nordeste é a região brasileira que apresenta a maior proporção de domicílios chefiados por mulheres, com 25,9%, acompanhado da região sudeste com 25,6%. Segundo Berquó (2001), as chefias femininas crescem no país como um todo, é um fenômeno tipicamente urbano.

As desigualdades de gênero são observadas em diferentes esferas da sociedade. Mesmo com os avanços sociais, econômicos, políticos e culturais observados nas últimas décadas, as mulheres continuam em desvantagem em relação aos homens. Neste sentido, tanto o mercado de trabalho como o ambiente familiar ainda podem ser vistos como espaços que reforçam estas desigualdades, principalmente para mulheres que desejam exercer seus direitos como trabalhadoras e mães.⁹

As ocupações com características mais modernas, competitivas e com possibilidades de carreira, como são as de nível superior, podem fazer com que as mulheres posterguem a maternidade, reduzindo com isso a sua parturição final. Ou seja, mulheres com objetivos e expectativas em relação à profissão tenderão não somente a ter um número menor de filhos, mas a tê-los em idades mais avançadas.^{9,10} Ao escolher ser mãe, por exemplo, a mulher considera a perda (ou o não recebimento) de potenciais ganhos advindos da participação no mercado do trabalho. Para essas duas correntes teóricas, o conflito vivido pelas mulheres que trabalham ou desejam trabalhar fora e que têm crianças ou desejam tê-las, tem sido a base para se entender como a inserção da mulher no mercado de trabalho pode afetar a maternidade. Como bem destacam Bonner (2015) e Fang et al (2013).

Nossos resultados mostraram que os filhos não interferiram no ensino e nem na produção científica das doentes entrevistadas. Porém, tais fatos podem ser justificados por um grande percentual relatar que recebeu ajuda na criação dos filhos, a condição social de poder pagar por uma funcionária do lar, bem como flexibilidade de horários e parceiros que ajudam. Conseguem praticar atividade física, alimentarem-se nos horários apropriados e fazer exames de saúde com certa periodicidade. No entanto, observou-se um número reduzido de filhos, ou seja, 85% declararam ter até dois filhos, que 53% relataram ter apenas entre duas a três horas para se dedicarem aos filhos e mais de 70% reconhece que deveria dispor mais de tempo para se dedicar aos filhos. Das que não tinham filhos, 40% não desejam ser mães.

Conclusão

Pelos resultados obtidos, conclui-se que é possível conciliar a maternidade com a vida acadêmica, porém, o número de filhos é reduzido, bem como o tempo de dedicação para os mesmos também. No entanto, os dados mostram que as docentes que não tem filhos possuem mais disponibilidade para Dedicação Exclusiva e participam mais de programas de pesquisa e extensão e TCC. Das entrevistadas que não tinham filhos, quase metade afirmou não desejar tê-los por motivos de saúde ou trabalho.

Referências

1. EMÍDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. Poder feminino e poder materno: reflexões sobre a construção da identidade feminina e da maternidade. **Colloquium Humanarum**, n. 5, v. 2, p. 27-36, 2008.
2. OLIVEIRA, D. R.; ROCHA, D. S.; COLISSI, J. C.; SIFUENTES, M. A mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Anais da VI Mostra Científica do CESUCA**, n. 1, v. 7, p. 1-12, 2013.
3. MADALOZZO, R.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? **Revista Estudo Feminina**, n. 18, v. 2, p.547-566, 2010.
4. SOUZA, I. F.; TEIXEIRA, K. M. D.; LORETO, M. D. S.; BARTOLOMEU, T. A. Não tem jeito de eu acordar e dizer: hoje eu não vou ser mãe! Trabalhos, maternidade e redes de apoio. **In revista brasileira de economia doméstica**, n. 22, v. 1, p. 46-63, 2011.
5. GROSSI, M. G. R.; BORJA S. D. B.; LOPES, A. M.; ANDALÉCIO A. M. L. As mulheres praticando ciência no Brasil. **Revista Estudos Feminina**, n. 24, v. 1, p. 11-30, 2016.
6. MERIGHI, M. A. B.; JESUS, M. C. P.; DOMINGOS, S. R. F.; OLIVEIRA, D. M.; BAPTISTA, P. C. P. Ser docente de enfermagem, mulher e mãe: desvelando a ciência sob a luz da fenomenologia social. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, n. 19, v. 1, [8 telas], 2011.
7. QUEDNAU, Fernanda Sutoff. O conflito entre a maternidade e o trabalho na mulher pós-moderna. 2007. Trabalho de conclusão de curso para a obtenção do grau de Psicólogo da Faculdade de Ciências da Saúde.
8. MERIGHI, M. A. B.; JESUS, M. C. P.; DOMINGOS, S. R. F.; OLIVEIRA, D. M.; BAPTISTA, P. C. P. Ser docente de enfermagem, mulher e mãe: desvelando a ciência sob a luz da fenomenologia social. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, n. 19, v. 1, [8 telas], 2011.

9. HEWLLET, S. A. (2002), **Creating a life: professional women and the quest for children**. New York: Miramax Books.
10. BREWSTER, K. L., RINDFUSS, R.R. (2000), “**Fertility and women’s employment in industrialized nation**”. **Annual review sociological**, v.26, pp.27196.